



ID: 118223700

17-07-2025

O PSD está a desperdiçar a oportunidade que lhe foi dada

Opinião



Paulo Pedroso

A economia resiste, por enquanto, aos ventos adversos do contexto internacional. O desemprego mantém-se a um nível moderado. As finanças públicas foram aliviadas de uma estratégia excessivamente prudente e focada na contenção do défice e na redução da dívida pública. A nova estratégia libertou recursos que reduziram as tensões sociais com certos setores da administração pública. O rendimento das famílias recupera ligeiramente face a perdas de anos anteriores.

O investimento público particularmente acelerado pelo PRR virá em socorro da dinamização da procura interna no imediato e deixará melhorias estruturais.

Temos um quadro político com boas possibilidades de garantir estabilidade política por alguns anos. O PSD, embora minoritário, pode optar entre buscar apoios à direita ou ao centro para as medidas mais delicadas que queira introduzir.

O país não vive tensões sociais significativas. As greves estão a um nível inferior ao de outros anos. Os dados sobre segurança desmentem consistentemente os megafones agitadores que se levantam.

O país tem condições para estar relativamente abrigado das tempestades que o cercam. Mas acumulam-se os sinais de que essas boas condições não vão ser aproveitadas e a oportunidade que o Governo tem de lançar as bases de uma nova etapa de desenvolvimento vai ser desperdiçada.

O país continua a precisar de mais inovação, de mudar a sua especialização produtiva, de produzir e distribuir mais riqueza. Mas o Governo decidiu subsumir a política económica à gestão dos fundos europeus, abdicando de lhe dar sentido estratégico.

Em muitos setores de atividade, os ganhos de produtividade na última década não se repercutiram em aumentos salariais proporcionais. As medidas de valorização do salário mínimo não impulsionaram a subida do salário médio. A negociação coletiva perdeu eficácia na definição das

condições de vida dos trabalhadores.

Os serviços públicos, estruturalmente subfinanciados, continuam a degradar-se. As dificuldades do Serviço Nacional de Saúde adensam-se. Não foram tomadas medidas que acautelem a escola pública. A carência de médicos e de professores é exemplificativa de dois setores em que há carência de recursos generalizada. Por muito que, na base, se consigam fazer omeletes com poucos ovos, os milagres são difíceis de garantir e manter ano após ano, década após década.

Temos, como recentemente salientou um relatório da Causa Pública, a maior crise habitacional da Europa. O regresso da habitação clandestina é apenas a face mais trágica de um fenómeno que é transversal à sociedade e que não mereceu a atenção necessária para garantir um direito fundamental, estabilizar as classes médias e gerir com eficácia o parque habitacional do país.

A integração das novas gerações no mercado de trabalho está bloqueada. A taxa de desemprego dos jovens mais do que triplica a

do conjunto da população.

Perante isto, o Governo optou, até agora, pela combinação de uma agenda ideológica de contrarreforma com a cedência aos instintos populistas primários, em vez de se focar nos problemas estruturais do país. Procura consolidar uma amálgama incorreta e explosiva entre fenómenos não ligados entre si como a imigração, a segurança e a nacionalidade. Anuncia um ataque aos alicerces da agenda do trabalho digno.

Em comum, estas medidas têm não se basear em qualquer evidência de que o “problema” que enfrentam fosse real ou tivesse impactos negativos para as pessoas, para as empresas e para o país.

Pior, são tomadas medidas irracionais, que prejudicarão a economia e o desenvolvimento do país. Por todas elas, vale a frase vinda do Governo de que a economia terá de viver com menos imigrantes, ainda que se saiba que deles necessita como de pão para a boca. Sabemos que a direita acha que se deve crescer antes de distribuir, mas não percebemos como travar o crescimento pode servir sequer as premissas do seu chavão.

Esta legislatura ainda vai no adro, mas o Governo tem de mudar de caminho se o PSD quer apresentar resultados positivos para as pessoas, para a economia e para o país desta sua passagem pelo Governo. Pelo caminho por onde está a ir, entregará o país a uma nova crise, de fabrico próprio.

Professor e investigador do Iscte

O Governo optou, até agora, pela combinação de uma agenda ideológica de contrarreforma com a cedência aos instintos populistas primários

